

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELAINE CHRISTINA DE GOIS

REFLEXÃO E PRÁTICA

CAMPINAS

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELAINE CHRISTINA DE GOIS

REFLEXÃO E PRÁTICA

"Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia."

CAMPINAS

2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

G561r Gois, Elaine Christina de
Reflexão e prática : memorial de formação / Elaine Christina de Gois. --
Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-472-BFE

AGRADECIMENTOS

"A Deus"

"Escola é...
o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas,
quadros, programas, horários,
conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.
Paulo Freire

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	01
2. MEMÓRIA E DOCÊNCIA	02
2.1 Magistério: As primeiras descobertas.....	02
3. A IMPORTÂNCIA DA CULTURA NA EDUCAÇÃO.....	06
4. A IMPORTÂNCIA DO LUDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	12
4.1 O profissional em educação infantil.....	12
4.2 O grande valor da televisão na educação.....	20
4.3 Ideologias na Educação Infantil	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1. APRESENTAÇÃO

Este memorial descritivo visa apresentar uma articulação entre formação e profissão.

Para elaborar o presente memorial, levei em conta as condições, situações e contingências que envolveram o desenvolvimento dos meus trabalhos aqui expostos.

Além de considerar este memorial auto-avaliativo, acredito que ele acabará tornando-se um instrumento confessional das minhas possibilidades de concretizar o meu desejo de me tornar uma excelente profissional da área educativa.

Este memorial foi elaborado com base no multiculturalismo e destacando-se a importância do lúdico na educação infantil.

2.MEMÓRIA E DOCÊNCIA

2.1 Magistério: As primeiras descobertas

A minha infância junto dos meus avós paternos foi muito boa. Meu avô tinha sítio e também trabalhava nele, nós íamos cedo e voltávamos a tarde a Ouro Fino. No sítio, eu subia em árvores e construía fogãozinho à lenha para brincar, até uma vez eu consegui uma lamparina com querosene e coloquei fogo no fogãozinho e quase pus a perder alguns pertences do vovô.

Minha educação em alguns princípios foi muito rígida, um fato que me lembro bem, eu e meus três primos, nós subimos uma serra, entramos em propriedade alheia, fomos roubar frutas no pomar do vizinho e enchemos as sacolas das várias frutas que lá existiam. Com sacolas cheias e pesadas, voltamos contentes. A dona Maria, minha avó, quando viu, nos fez voltar pela estrada cujo caminho era mais longo para o sítio vizinho. Foi dando bronca o tempo todo até chegar na casa do dono do pomar. Lá chamou o senhor Alcides e nos fez devolvermos tudo. Que vergonha! O dono foi legal! Disse que não tinha problema, as frutas eram pra comer mesmo, lá perde... Minha avó só respondeu que estava nos ensinando a respeitar o que pertencia à outra pessoa.

Outra coisa que ela não perdoava era servir na frente da visita, mentiras, falar gritando. Fora isso minha vida era muita brincadeira, pescaria, quermesse, as histórias de assombração contadas pelos dois, lendas, casos de acontecimento que acontecia na época deles. O que eu gostava muito era ir pescar com o meu avô e seu compadre, eu e a filha do compadre brincávamos muito e também aprontávamos. Uma vez os jacás de peixes dos dois estavam de bom tamanho e eles foram comer um lanche no carro, nós duas soltamos os peixes na água. Quanto eles olharam o jacá ficaram espantados, e nós ríamos tanto que até a barriga doía. Que época! Tenho saudades.

Aos seis anos comecei a freqüentar a pré-escola. Meu primeiro dia de aula até hoje lembro, foi minha mãe que me levou. Havia várias professoras que fizeram a dramatização da história da Dona Baratinha. Mergulhei tanto na história que nem vi minha mãe ir embora do meu lado. No pré tinha muita brincadeira e parque. Minha professora contava muitas histórias, mas não deixava os alunos colocarem as mãos na estante de livros que ela tinha na sala de aula.

Em 1994 ingressei no curso de Magistério na cidade de Ouro Fino, em Minas Gerais.

Decidi-me por este curso por admiração à profissão, sem que houvesse intervenção ou argumentação familiar. A decisão pelo Magistério solidificou-se durante meus estudos na área fundamental. Quando completei o primeiro grau, não tinha dúvida do que estudaria posteriormente e em minha mente sempre prevaleceu o desejo pela área educacional. E assim o fiz.

O curso de Magistério que cursava, era ministrado no período noturno e não abrangia muitos conceitos. A idéia de construtivismo, por exemplo, era abrangida como um novo método de ensino, mas muito pouco difundido pelos professores e não dava embasamento à prática. Muito do que aprendi foi intermediado pelos estágios e mesmo assim, superficialmente.

A duração deste curso foi de três anos, ao contrario do curso integral que possuía a duração de quatro anos. Isso ocorria pelo fato de que o referido curso nos licenciava para lecionar apenas nas primeiras séries do ensino fundamental, e para complementar o curso na área de educação infantil era necessário ingressar na faculdade de Pedagogia, e na época, não possuía condições financeiras para aprimorar meus estudos.

No ano de 1997, mudei-me para Pedreira, interior do Estado de São Paulo. E em 2002, prestei com sucesso um concurso para monitor, ingressando assim nesta profissão. Com este ofício, pude aprender um pouco sobre o trabalho de um educador, pois apesar de não ter as mesmas responsabilidades que um professor, também participava no desenvolvimento dos alunos ali inseridos.

Em 2003, os monitores da cidade de Pedreira, devido à LDB, que estabelece, foram convidados à inscreverem-se no vestibular de Pedagogia do PROESF. Para mim, foi um momento único e gratificante: saber que tinha conseguido uma vaga neste curso.

Neste mesmo ano, passei a freqüentar o curso de pedagogia do PROESF, e desde então só tenho me enriquecido mais e mais devido às teorias abordadas em sala de aula.. Com as aulas, pude aperfeiçoar meu perfil profissional e, além disso, os conhecimentos adquiridos dia-a-dia facilitam no momento de ter uma posição em relação à educação, ensinamentos e cuidados dos alunos.

Ando devagar porque já tive pressa

E levo esse sorriso porque já chorei demais

Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe

Só levo a certeza de que muito pouco eu sei
Ou nada sei

Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida seja simplesmente
Compreender a marcha e ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro levando a boiada
Eu vou tocando dias pela longa estrada eu vou
Estrada eu sou

Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir

Todo mundo ama um dia todo mundo chora,
Um dia a gente chega, no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir

Ando devagar porque já tive pressa

E levo esse sorriso porque já chorei demais
Cada um de nós compõe a sua história,
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir¹

¹ Almir Sater - Tocando em Frente

3. A IMPORTÂNCIA DA CULTURA NA EDUCAÇÃO

O multiculturalismo foi um tópico que chamou-me a atenção de uma maneira muito especial, pois como educadores, devemos antes de qualquer atitude, aprender a respeitar a diversidade sociocultural dos educandos e assim desenvolver um ambiente adequado às suas necessidades e desenvolvimento cognitivos.

Segundo o Referencial Curricular para a Educação Infantil: “A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inscrita numa sociedade, com uma determinada cultura em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca...”.

Portanto, a “Cultura” constitui uma referência básica para o entendimento sócio-econômico-político, definindo-se assim a matriz e os suportes da identidade da tradição e da memória de qualquer sociedade. “Na verdade, a realidade social está estruturada em dispositivos que constituem o campo em cujo seio se manifestam as interações e os fenômenos, quer individuais, quer coletivos; esta estruturação manifesta-se em diversos níveis: no nível grupal, no nível institucional e no nível ambiental. Estes diversos níveis interpenetram-se e coexistem. Na sua base, situa-se a cultura que, não sendo realidade em si mesma, configura a realidade, tornando-a social, através de um conjunto complexo de fatores, tais como as diversas aprendizagens respeitantes à maneira de ser social dos indivíduos e dos grupos, numa sociedade determinada.” (REIMÃO, 1996).

A primeira referência que o aluno tem como histórico-cultural é a família, e direciona-se a nós o dever de propor atividades e situações de aprendizagem que possibilitem ao aluno conhecer a sua história, pois este conceito é totalmente desconhecido pela criança recém-chegada à escola.

Desconhecia este conceito aluno X histórico-social. Assim como também desconhecia que o saber respeitar e trabalhar as diversidades são condições primordiais para um trabalho escolar mais harmonioso, no referente à relação pais-professores – alunos.

Conhecer a história cultural do aluno significa ter mais elementos com o qual é possível trabalhar em sala, e assim ajudá-lo a resolver conflitos externos resultantes das influências de seu contexto cultural.

O professor ao trabalhar a Identidade estará possibilitando ao aluno: conhecer sua história de vida e elevar sua auto-estima, possibilitando que ele se identifique como pessoa pertencente a um meio.

Possibilita ao aluno conhecer os aspectos que o caracterizam e ao grupo ao qual pertence como as características físicas e culturais, hábitos, costumes e valores.

O aluno reconhece a existência de diferentes modos de ser e viver, tanto na sociedade em que vive , como em outras culturas.

Com isso o aluno começa a compreender os diversos tipos de relações harmoniosas ou conflitantes, na família e na escola pois ele conhece a própria história e a história da família, e sente-se participante dela, e compreende a história como um processo que se constrói a partir das relações estabelecidas pelas pessoas, no tempo e no espaço. E assim é possível dessa forma resgatar a história de vida da criança e elevar sua auto-estima.

Um episódio ocorrido durante meu primeiro ano escolar ilustra o conceito aluno X histórico social: Na sala de aula, havia um menino proveniente da região nordestina. Devido às influências de um ambiente cultural diferente do que estávamos habituados, ele apresentava um variante lingüística diferenciada entre os alunos. Tal fato causava conflitos entre os garotos da sala e ele, pois satirizavam a maneira pela qual ele se comunicava. A professora, que ainda presa pelos métodos tradicionais, tentava resolver o conflito, mas sem obter uma resposta satisfatória. Ao invés de explicar a pluralidade cultural, repetia que o aluno só podia ser nordestino mesmo, o que intensificava as sátiras dos colegas de sala de aula.

Hoje, podemos perceber que a professora agia incoerentemente na resolução desse problema, visto que suas argumentações tornavam o aluno ainda mais agressivo e as sátiras mais intensas. Se ao invés de criticar a origem do aluno, ela tivesse trazido em sala de aula o conceito de pluralidade etno-culturais e explicado aos demais alunos que toda cultura tem seus valores e por isso deve ser respeitada, certamente a realidade teria sido bem diferente.

Outro episódio ocorrido na primeira série foi o de uma professora muito autoritária, que me dava tapas na mão ao ver-me escrevendo com a mão esquerda, pois eu era ambidestra, (apesar de escrever morosamente com a mão esquerda.) Esta mesma

professora, durante as aulas, fazia uso apenas da cartilha, não havia nada fora da rotina, ou atividades que despertassem o interesse do aluno.

Diferentemente da professora da segunda série, que ministrava uma aula muito dinâmica, com leitura de histórias, idas à biblioteca e dramatizações. Através de uma simples caixa de papelão, montou uma televisão, onde nós éramos os apresentadores, cantores e contadores de histórias.

Podemos, através destes exemplos, ver a diferença entre duas educadoras: uma extremamente repressora, e outra com o pleno objetivo de despertar a imaginação de seus alunos. Atividades lúdicas, atividades que estimulam a imaginação da criança são extremamente necessárias para a formação da identidade da criança.

A disciplina do multiculturalismo me permitiu uma melhor recepção à criança em idade escolar, visto que o conhecimento propicia a nós, educadores e às crianças, um melhor conhecimento e entendimento um do outro e com isso uma cumplicidade que é fundamental para o bom desenvolvimento do trabalho em conjunto.

Trabalhar a cultura, valorizar o aluno como um todo é como conhecer e descobrir a relação familiar do aluno na qual se insere porque cada criança possui uma personalidade. Uns são agressivos, mas como eu já vivi em um episódio no qual um aluno que era rejeitado por sua cultura, hoje eu reflito sobre a minha prática e, como vou receber um educando, procuro apresenta-lo para as outras crianças e também reflito sobre sua adaptação na instituição. Vejo o aluno como eu quando entrei na UNICAMP, ficava perdida, sentia vontade de desistir, e achava que não conseguiria chegar até o último semestre. Com o educando é a mesma coisa. Até que ele se sinta seguro e confiante para interagir com as demais crianças é preciso, no meu ponto de vista, que ele se sinta bem para se adaptar a uma mudança de ambiente ou para se relacionar...

Para um aluno que nunca foi para a creche, sempre junto da mãe, logo que a mãe começa a trabalhar, sua adaptação é uma tarefa difícil, pois o aluno leva um impacto com sua jornada na instituição.

Com a minha passagem no curso do PROESF na disciplina de multiculturalismo tive acesso a informações que embasaram melhor ainda a minha prática educativa em relação ao receber o aluno e ver que como todo e qualquer cidadão ele também possui uma cultura.

A escola precisa reconhecer e responder às diversidades de seus alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma

educação de qualidade a todos, por meio de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com a comunidade.

Precisamos criar ambientes de aprendizagem que proporcionem o desenvolvimento de todas as crianças e também darmos oportunidades de elas entrarem em contato com diferentes tipos de conhecimento por meio de atividades lúdicas e brincadeiras oferecidas pela escola.

A criança na pré-escola estará, então em contato com um meio rico em experiências e se lhes forem dadas as oportunidades de viver as diferenças, irá lhe propiciar ganhos em seu desenvolvimento, pois terão possibilidades de ampliá-lo, considerando suas especificidades e diferenças de desenvolvimento, .

Faz-se necessário que a criança tenha a oportunidade de participar da elaboração das regras, para que possa discutir e estabelecer relações. É importante que desde pequena ela tenha a oportunidade de tomar pequenas decisões e assumir pequenas responsabilidades.

Entendemos que isso não se dará de uma hora para outra, pois para isso a criança necessita interagir em um ambiente em que possa ter a oportunidade de fazer as experiências morais necessárias, compartilhar, trocar idéias, dialogar, assumir pequenas responsabilidades, tomar decisões, discutir seus pontos de vista, expressar livremente seus pensamentos e desejos, investigar e estabelecer relações.

Enfim, faz-se necessário fazer com que a criança se torne participativa e cooperativa em tudo o que envolve o mundo ao seu redor, com regras e determinações, para que desde cedo ela aprenda a discutir idéias e a aprender as conseqüências de seus atos o que propicia situações favoráveis para que, aos poucos, ela vá se autodisciplinando, regulando seu próprio comportamento.

Assim, podemos evitar que a criança simplesmente se conforme com as normas e as obedeça devido às manipulações feitas pelos adultos com as recompensas e com as punições e sim que participe das tomadas de decisões, de acordo com a sua capacidade de entendimento.

Pois, para chegar à autonomia, a criança precisa vivenciar relações de cooperação, de respeito mútuo. A cooperação ocorre necessariamente a partir da convivência da criança com seus pares e com os adultos.

A escola precisa apostar na aplicação de metodologias de ensino que instrumentalizem os professores para uma ação pedagógica que integre os conteúdos

escolares tradicionais (matemática, português, história, geografia e ciências) aos conteúdos mais voltados para o cotidiano das pessoas .

Segundo Vygotsky (1991), o ponto de partida para a aprendizagem deve ser aquilo que a criança já sabe, levando-a a entrar no caminho da análise intelectual, da comparação, da unificação e do estabelecimento de relações lógicas.

Devemos compreender também que a aprendizagem depende das características de cada aluno e que eles irão corresponder em grande parte, de acordo com às experiências que viveu; que variam em forma e ritmo, em vista de suas capacidades, motivações e interesses pessoais e também das pessoas com as quais convive.

Por isso é preciso ressaltar o papel do mediador, entendendo que é na interação entre a criança e o mundo e na relação entre eles que se dá o processo de humanização e de construção de conhecimentos.

Escola é...

o lugar onde se faz amigos,
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.

O diretor é gente,
O coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente,
e a escola será cada vez melhor

na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.

Nada de "ilha cercada de gente por todos os lados.

Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém,

nada de ser como o tijolo que forma a parede,
indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só
trabalhar,

é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se "amarrar nela".

Ora , é lógico
numa escola assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se
Ser feliz ².

² CÓCCO, Maria Fernandes & HAILER, Marco Antônio. Didática de Alfabetizaçãodecifrar

4. A IMPORTANCIA DO LUDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

4.1 O profissional em educação infantil

“Resumindo: são duas, apenas duas, as tarefas da educação. Como acho que as explicações conceituais são difíceis de aprender e fáceis de esquecer, eu caminho sempre pelo caminho dos poetas, que é o caminho das imagens. Uma boa imagem é inesquecível. Assim, em vez explicar o que disse, vou mostrar o que disse por meio de uma imagem.

O corpo carrega duas caixas. Na mão direita, mão da destreza e do trabalho, ele leva uma caixa de ferramentas. E na mão esquerda, mão do coração, ele leva uma caixa de brinquedos. Ferramentas são melhorias do corpo. Os animais não precisam de ferramentas porque seus corpos já são ferramentas. Eles lhes dão tudo aquilo de que necessitam para sobreviver.

Como são desajeitados os seres humanos quando comparados com os animais! Veja, por exemplo, os macacos. Sem nenhum treinamento especial eles tirariam medalhas de ouro na ginástica olímpica. E os saltos das pulgas e dos gafanhotos!

Já prestou atenção na velocidade das formigas? Mais velozes a pé, proporcionalmente, que os bólidos de F-1! O vôo dos urubus, os buracos dos tatus, as teias das aranhas, as conchas dos moluscos, a língua saltadora dos sapos, o veneno das taturanas, os dentes dos castores.

Nossa inteligência se desenvolveu para compensar nossa incompetência corporal. Inventou melhorias para o corpo: porretes, pilões, facas, flechas, redes, barcos, jegues, bicicletas, casas... Disse Marshall MacLuhan corretamente que todos os "meios" são extensões do corpo. É isso que são as ferramentas, meios para viver. Ferramentas aumentam a nossa força, nos dão poder. Sem ser dotado de força de corpo, pela inteligência o homem se transformou no mais forte de todos os animais, o mais terrível, o maior criador, o mais destruidor. O homem tem poder para transformar o mundo num paraíso ou num deserto.

A primeira tarefa de cada geração, dos pais, é passar aos filhos, como herança, a caixa de ferramentas. Para que eles não tenham de começar da estaca zero. Para que eles não precisem pensar soluções que já existem. Muitas ferramentas são objetos: sapatos, escovas, facas, canetas, óculos, carros, computadores. Os pais apresentam tais ferramentas aos seus filhos e lhes ensinam como devem ser usadas. Com o passar do tempo, muitas ferramentas, muitos objetos e muitos de seus usos se tornam obsoletos. Quando isso acontece, eles são retirados da caixa. São esquecidos por não terem mais uso. As meninas não têm de aprender a torrar café numa panela de ferro, e os meninos não têm de aprender a usar arco-e-flecha para encontrar o café da manhã. Somente os velhos ainda sabem apontar os lápis com um canivete...

Outras ferramentas são puras habilidades. Andar, falar, construir. Uma habilidade extraordinária que usamos o tempo todo, mas de que não temos consciência, é a capacidade de construir, na cabeça, as realidades virtuais chamadas mapas. Para nos entendermos na nossa casa, temos de ter mapas dos seus cômodos e mapas dos lugares onde as coisas estão guardadas. Fazemos mapas da casa. Fazemos mapas da cidade, do mundo, do universo. Sem mapas, seríamos seres perdidos, sem direção.

A ciência é, ao mesmo tempo, uma enorme caixa de ferramentas e, mais importante que suas ferramentas, um saber de como se fazem as ferramentas. O uso das ferramentas científicas que já existem pode ser ensinado. Mas a arte de construir ferramentas novas, para isso há de saber pensar. A arte de pensar é a ponte para o desconhecido. Assim, tão importante quanto a aprendizagem do uso das ferramentas existentes — coisa que se pode aprender mecanicamente — é a arte de construir ferramentas novas. Na caixa das ferramentas, ao lado das ferramentas existentes, mas num compartimento separado, está a arte de pensar.

(Fico a pensar: o que as escolas ensinam? Elas ensinam as ferramentas existentes ou a arte de pensar, chave para as ferramentas inexistentes? O problema: os processos de avaliação sabem como testar o conhecimento das ferramentas. Mas que procedimentos adotar para avaliar a arte de pensar?)

Assim, diante da caixa de ferramentas, o professor tem de se perguntar: "Isso que estou ensinando é ferramenta para quê? De que forma pode ser usado? Em que aumenta a competência dos meus alunos para cada um viver a sua vida?". Se não houver resposta, pode estar certo de uma coisa: ferramenta não é.

Mas há uma outra caixa, na mão esquerda, a mão do coração. Essa caixa está cheia de coisas que não servem para nada. Inúteis. Lá estão um livro de poemas da Cecília Meireles, a "Valsinha" de Chico Buarque, um cheiro de jasmim, um quadro de Monet, um vento no rosto, uma sonata de Mozart, o riso de uma criança, um saco de bolas de gude... Coisas inúteis. E, no entanto, elas nos fazem sorrir. E não é para isso que se educa? Para que nossos filhos saibam sorrir? Na próxima vez, a gente abre a caixa dos brinquedos..."

Como observamos no texto de Rubem Alves retirado do Jornal "A Folha de São Paulo", nos dias de hoje, ser um educador é uma profissão que exige muita reflexão, atenção e flexibilidade em fornecer uma prática pedagógica, no qual o resultado será um bom ensino que propiciará à criança de 0 a 6 anos de idade, a construção do conhecimento de sua identidade, pois a criança que passa o tempo integral em uma escola de educação infantil, é totalmente influenciada pelo trabalho realizado pelo educador, que contribui para o engrandecimento da cultura de cada criança sob sua responsabilidade.

Na minha visão, por parte da prática pedagógica, é importante criar ligações com brincadeiras, jogos e músicas, haja vista que as brincadeiras permitem às crianças expressarem-se de um modo mais natural e interagirem melhor com as outras crianças, nos permitindo observar e analisar como elas se relacionam e se organizam entre si.

Se analisarmos as décadas passadas até os dias de hoje, poderíamos observar que tanto em creches quanto em pré-escolas ocorreram muitas mudanças, pois há uma grande preocupação em inovações através de novas metodologias, formas didáticas e pedagógicas de relacionamento com as crianças. Diferente de épocas passadas, em que a principal função da creche e/ou pré-escola, era deixar as crianças com alguém para que os pais pudessem trabalhar, atualmente há uma nova visão sobre o tempo em que a criança passa dentro de em um estabelecimento de educação infantil, é necessário que

esse tempo seja bem “gasto”, é importante que a criança aprenda, não só matérias escolares, mas como agir em sociedade.

Antes da lei, as creches eram apenas instituições onde as mães e pais deixavam as crianças para irem trabalhar. As creches visavam somente o cuidar, não era transmitido para a criança nenhum conhecimento, nem lhes eram propostos atividades pedagógicas que ajudassem no seu desenvolvimento. Décadas atrás, as creches não pensavam no desenvolvimento da criança, nem na preparação de seus profissionais que as atendia. As pré-escolas tratavam as crianças como tabula rasa, como se não tivessem concepção nenhuma além de transferir conhecimentos com atividades repetitivas, nas quais a criança não usava sua cognição para a criatividade, e hoje graças à LDB, houve uma mudança bem significativa na Educação infantil.

Quando os meus alunos brincam, fico prestando atenção em seus folguedos e às vezes, através de suas expressões e ações, descubro que eles possuem algum problema de família. E também sempre aprendo algo que as crianças trazem como sabedoria de casa.

Muitas coisas são surpreendentes quando criamos um laço afetivo com as crianças, pois elas atendem melhor ao nosso objetivo de transmitir conhecimentos.

Nunca freqüentei creches quando criança, mas recordo de minha pré-escola, que tinha como base o empirismo, havendo na sala quebra-cabeças, encaixes, mas não tínhamos espaço para a imaginação, não tínhamos trabalho com a diversidade cultural e textual, e assim, quando passei para a primeira série, senti um choque e demorei a me adaptar ao ritmo exigido.

Ao refletir sobre algumas práticas pedagógicas, analiso algumas propostas e características de algumas atividades e decido o que posso aproveitar do lúdico, da imaginação e com isso definir as melhores atividades a serem realizadas com os meus alunos.

O uso do lúdico é sempre uma ferramenta a mais no momento de ensinar, pois estimula a imaginação da criança e facilita o aprendizado, pois ao invés do que muitos pensam é através de brincadeiras que a criança mais aprende.

Não possuía o hábito de registrar minhas impressões sobre a prática pedagógica, somente após iniciar os estudos no PROESP comecei a registrar e a avaliar os resultados, pude então, melhorar muito o meu comportamento e minha prática pedagógica e com isso obter resultados mais positivos no dia-a-dia.

Em meu modo de pensar, o lúdico é importante porque as brincadeiras favorecem as relações sociais, e as trocas sociais que se estabelecem entre o educador e a criança devem ser baseadas no respeito mútuo, na reciprocidade e na cooperação.

Os procedimentos pedagógicos baseados na atividade dão oportunidade à criança de aprender. Algumas atividades pedagógicas têm por princípio resgatar noções que a criança já traz consigo ou que lhe dê oportunidades de inventá-las ou de reinventá-las.

Através do lúdico podemos identificar vários conhecimentos e noções que as crianças têm do mundo em que estão inseridas. E podemos intervir em algumas questões para que elas possam refletir, como por exemplo: o que fazem as pessoas quando vão à igreja? E ao posto de saúde, o que as pessoas fazem quando vão lá? Por que temos que pagar o ônibus?

Esses tipos de perguntas levam a criança a refletir e a pensar sobre as atitudes, além de ajudar a desenvolver o senso lógico e prepará-las para o mundo.

A valorização da cultura do aluno propicia na sua interação social um respeito mútuo. O professor estimula as crianças ao respeito a conhecer melhor o companheiro antes de julgá-lo. Quando acontece de ter uma criança de outra região em sala de aula o professor pode propor um projeto onde as crianças possam conversar sobre todos os assuntos referentes àquela região, do porquê do colega ter se deslocado. Assim, as crianças vão resolvendo esta situação de conflito entre elas mesmas, e não irão perseguir o aluno novo que se difere por comportamentos e reações diferentes e por ter em sua bagagem outros costumes.

“Uma professora me escreveu pedindo-me que eu lhe desse algumas dicas sobre como despertar o interesse dos seus alunos sobre a sua matéria. Sua pergunta brotava do seu sofrimento. Preparava suas aulas como havia aprendido nas aulas de didática - mas a sua aula não era capaz de seduzir a imaginação dos seus alunos. Numa situação como essas o mais fácil e o mais comum é culpar os alunos: eles são indisciplinados, não querem aprender, são psicologicamente incapazes de concentrar a atenção. Essa professora não culpava os alunos. Culpava a si mesma. Devia haver algo de errado em suas aulas para que os alunos não prestassem atenção.

Uma aula é como comida. O professor é o cozinheiro. O aluno é quem vai comer. Se a criança se recusa a comer pode haver duas explicações.

Primeira: a criança está doente. A doença lhe tira a fome. Quando se obriga a criança a comer quando ela está sem fome, há sempre o perigo de que ela vomite o que comeu e acabe por odiar o ato de comer. É assim que muitas crianças acabam por odiar as escolas. O vômito está para o ato de comer como o esquecimento está para o ato de aprender. Esquecimento é uma recusa inteligente da inteligência. Segunda: a comida não é a comida que a criança deseja comer: nabo ralado, jiló cozido, salada de espinafre... O corpo é um sábio.

Etimologicamente a palavra sábio quer dizer "eu degusto". O corpo não é um porco que come tudo o que jogam para ele, como se tudo fosse igual. Ele opera com um delicado senso de discriminação. Algumas coisas ele deseja. Prova. Se são gostosas, ele come com prazer e quer repetir. Outras não lhe agradam, e ele recusa. Aí eu pergunto: "O que se deve fazer para que as crianças tenham vontade de tomar sorvete?" Pergunta boba.

Nunca vi criança que não estivesse com vontade de tomar sorvete. Mas eu não conheço nenhuma mágica que seja capaz de fazer com que uma criança seja motivada a comer salada de jiló com nabo. Nabo e jiló não provocam a sua fome.

As crianças têm, naturalmente, um interesse enorme pelo mundo. Os olhinhos delas ficam deslumbrados com tudo o que vêem. Devoram tudo. Lembro-me da minha neta de um ano, agachada no gramado encharcado, encantada com uma minhoca que se mexia. Que coisa fascinante é uma minhoca aos olhos de uma criança que a vêem pela primeira vez! Tudo é motivo de espanto. Nunca estiveram no mundo. Tudo é novidade, surpresa, provocação à curiosidade.

Visitando uma reserva florestal no Espírito Santo a bióloga encarregada de educação ambiental me contou que era um prazer trabalhar com as crianças. Não era necessário nenhum artifício de motivação. As crianças queriam comer tudo o que viam.

Tudo provocava a fome dos seus olhos: insetos, pássaros, ninhos, cogumelos, cascas de árvores, folhas, bichos, pedras. Alberto Caeiro disse que foram as crianças que o ensinaram a ver. Disse que a criança que o ensinou a ver era Jesus Cristo tornado outra vez menino: "A mim ensinou-me tudo. / Ensinou-me a olhar para as coisas. / Aponta-me todas as coisas

que há nas flores. / Mostra-me como as pedras são engraçadas / Quando a gente as tem na mão / E olha devagar para elas./

Quando eu era jovem e não sabia que os olhos das crianças eram diferentes dos olhos dos adultos eu ficava bravo com meus filhos quando a gente viajava. Eu olhava para fora do carro e ficava deslumbrado com cenários que via: montanhas, lagos, florestas. Queria que eles gozassem aquela beleza. Mostrava para eles, e era como se ela não existisse. Eles nem ligavam. E eu ficava com raiva. "Como podem ser insensíveis a tanta beleza?"

Eu não sabia que os olhos das crianças não tem fome de coisas que estão longe. Os olhos das crianças têm fome de coisas que estão perto. As crianças querem pegar aquilo que vêem. Cenários não podem ser pegos com a mão. Quando são bem pequenas elas olham, pegam, e levam à boca: querem comer, sentir o gosto da coisa. O bichinho de que gostam é aquele que elas podem acariciar, colocar no colo: o coelhinho, o cachorrinho, o gatinho. Nunca vi crianças com interesse especial por peixes em aquários. Peixinhos não podem ser agradados, não podem ser colocados no colo. E nem por pássaros. A menos que os pássaros possam ser agradados. Conheço uma menina que tinha como seu bichinho de estimação uma galinha. Mas a galinha dela era diferente: vinha quando era chamada e gostava de ser agradada.

Todos os objetos que podem ser pegos com a mão são brinquedos para as crianças. E por isso elas gostam deles. Estão naturalmente motivadas por eles. Querem comê-los. Querem conhecê-los. Com sete anos de idade tive a minha primeira experiência fracassada com a engenharia mecânica. Secretamente desmontei o relógio de pulso de minha mãe. Infelizmente não consegui juntar as engrenagens de novo. Com sete anos eu sabia que os objetos são interessantes e que a gente os conhece não de longe, mas mexendo neles, desmontando e montando.

Para mim esse é um princípio fundamental da aprendizagem: a fome de aprender acontece na fronteira entre o corpo e o ambiente. As crianças não se interessam por montanhas, lagos e florestas porque estão longe dos seus braços. Mas têm prazer em subir em árvores, apanhar frutas, descobrir ninhos, brincar nos remansos, pescar. As crianças se interessam por

objetos com os quais os seus corpos podem estar em contacto, que podem ser manipulados. Elas não têm um interesse natural por operações matemáticas abstratas. Mas se estão vendendo pipas na feira, elas se interessam logo por somar e diminuir para contabilizar preços e trocos. E que dizer da forma como elas aprendem a falar, coisa mais assombrosa não existe! Elas não aprendem a falar abstratamente. Aprendem os nomes dos objetos e das pessoas ao seu redor, os verbos que indicam as atividades que fazem. Quando a criança diz "mamãe" ela está chamando para si um objeto querido. A princípio, toda palavra é uma invocação.

Aí elas vão para as escolas. Aí a aprendizagem sai da vida e passa para os programas. Programas são séries de conhecimentos organizados abstratamente numa ordem lógica. Mas a ordem dos programas, por terem sido preparados abstratamente, não segue a ordem da vida. Aparece então o descompasso. O que elas têm de aprender não é aquilo que o corpo delas quer aprender, pela simples razão de que a vida não segue programas. Aí surge a pergunta: como motivá-las a comer nabo e jiló? Vocês podem imaginar como é que se ensinaria uma criança a falar, seguindo-se um programa? Ela não aprenderia nunca.

Não gosto de laboratórios nas escolas. Sua função não é ensinar ciência. Sua função é seduzir os pais. Os pais querem sempre o melhor para os seus filhos e o que é moderno deve ser melhor. Uma escola que tem laboratórios com aparelhinhos deve ser uma boa escola. Mas os laboratórios, antes que os estudantes entrem nele, já ensinaram uma coisa fatal para a inteligência científica: que ciência é algo que acontece dentro daquele espaço. A ciência não começa com aparelhos. Ela começa com olhos, curiosidade e inteligência.

Sonho com uma escola que tenha a casa de morada da criança como seu laboratório. A casa é o seu espaço imediato. Ela está cheia de objetos e ações interessantes. Pensar a casa é pensar o mundo onde a vida de todo dia está acontecendo. Numa casa não poderia haver um currículo pronto porque a vida é imprevisível: não segue uma ordem lógica. Os saberes prontos ficariam guardados num lugar, como as ferramentas ficam guardadas numa caixa. As ferramentas são tiradas da caixa quando elas são

necessárias para resolver problemas. Assim são os saberes: ferramentas. Ninguém aprende ferramenta para aprender ferramenta.

O sentido da ferramenta é o seu uso na prática. O sentido de um saber é o seu uso na prática. Se não pode ser usado não tem sentido. Deve ser jogado fora.

E por falar nisso, a palavra "dígrafo" que todas as crianças têm de aprender, serve para que? Assim são os nossos programas, cheios de "dígrafos" sem sentido... Por isso as crianças não aprendem.”

Como disse Rubem Alves, não podemos fazer a criança ter “fome” de aprender, mas podemos “tentar” o seu paladar para ela sinta necessidade de “comer”.

O trabalho do educador é fundamental para que a criança tenha a vontade de aprender, para que ela queira aprender.

4.2 O grande valor da televisão na educação



Figura 1

3

³ <http://www.aquarela.histoarte.net/televisao.jpg>

A televisão nos traz muitos fatos importantes que ocorrem dentro e fora do Brasil. Notícias que são muito importantes para o dia-a-dia do cidadão.

É preciso que as pessoas tenham uma televisão para ficarem informadas, mas é necessário que não se faça da televisão a única fonte de lazer. O que geralmente acontece, em uma grande porcentagem das famílias brasileiras é sentar-se em frente à televisão e assistir ao que a mídia nos mostra através de seus atores.

A televisão traz para dentro de nossas casas um repertório de cenas que agradam nossos olhos e ouvidos, mas são cenas muito fora da nossa realidade. A influência da mídia em nossas vidas é tão grande que compramos produtos dos quais não temos a menor necessidade, mas a televisão nos seduz com seus comerciais e por fim acabamos nos rendendo ao seu apelo.

A disciplina da tecnologia da educação, além de ter me dado a chance de conhecer melhor o computador através das aulas e das companheiras de sala que tinham mais experiência no manuseio do computador, trouxeram-me também o conhecimento e a importância de refletir sobre a televisão e a mídia que atinge tanto o público adulto como o infantil, de uma forma surpreendente.

Com a pouca experiência que eu tinha do trabalho de um ano e cinco meses em uma creche, fui refletindo melhor sobre o que deve-se deixar às crianças assistirem. O que aquele desenho ou programa propõe para as crianças.

Na época, foi extremamente interessante, pois eu estava com uma turma muito agressiva, que adorava o desenho das “Meninas Super Poderosas”, “Power Rangers”, mas aos poucos fui conversando com eles e deixando de colocar o vídeo que eles mais gostavam, pois continha muita luta e rivalidade, e estimulavam as crianças a imitar os personagens dos desenhos e com isso as brigas entre elas começavam.

Eu não imaginava que um desenho pudesse fazer com que crianças de três a quatro anos os imitassem tão à sério, e a agressividade daquela turma que lecionei no ano de 2003, foi em grande parte estimulada pelos desenhos assistidos.

Lembro que o meu dia de ver televisão com eles era na quarta-feira, na quinta-feira, um menino estava vestido com uma camiseta preta do Batman quando fomos ao parque. Pois bem, ele subiu na parte superior do escorregador e ia pular dizendo que era

um super herói, lembrando que no dia anterior nos havíamos assistido um filme do Batman.

Depois do ocorrido, fiquei analisando o que aconteceu e iniciei uma conversa com as minhas crianças antes de colocar o próximo vídeo. Como por exemplo as conversas em rodas sobre o filme, com a intenção de propor para as crianças que nem tudo o que a televisão nos mostra é realidade

Como quando alguém bate muito forte em outra pessoa, aquela pessoa vai se machucar e vai para o hospital fazer curativos.

E então, fiz a seguinte pergunta para eles: no desenho, quem se fere vai para o hospital? Algumas crianças responderam que não. Os personagens agredidos já se levantavam.

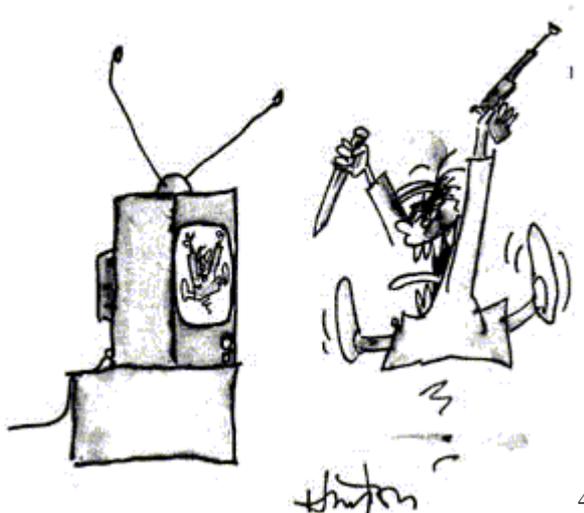


Figura 2

Perguntei também, se quando alguém cai ou se machuca, ele não precisa de socorro ou que alguém o ajude? Obtive deles muitas respostas interessantes: houve crianças que disseram que, ao machucar sai sangue. Outras disseram que ao cair se demora para levantar. E algumas outras que, quem cai, se machuca e tem que tomar remédios.

⁴ www.ipv.pt/forumedia/3/3_cria4.gif

E depois desta discussão, comecei a perguntar o que acontece nos desenhos quando um personagem cai, se machuca ou apanha: ele aparece com muitos machucados? Quando ele cai de um lugar alto, como eles ficam?

Em seguida perguntei: e quando nós caímos ? E eles responderam que nós nos machucamos, dói.

Assim, com essas conversas, fui colocando outros tipos de filmes, outro tipo de histórias, com menos violência. Fui deixando de colocar desenhos agressivos e dessa forma o comportamento de minhas crianças melhorou bastante.

Mas temos que analisar que a televisão é um veículo de comunicação que está extremamente presente na vida de todos, inclusive das crianças, pois os padrões econômicos, culturais e sociais que predominam hoje são muito diferentes dos padrões que regeram a vida de nossos pais e avós e também o mundo em si é muito diferente do da época de nossos pais e avós. Essas mudanças não são fáceis nem simples, e nem acontecem de um dia para o outro. Assim, há setores da sociedade que já estão funcionando dentro de nossos padrões, como a comunicação de massa, e há outros que ainda permanecem atuando de acordo com os padrões antigos, como o sistema escolar.

O que acontece então, é que os padrões de vida mudaram, mas a escola continua a mesma, são como dois mundos separados. Os meios de comunicação estão totalmente presentes na vida das crianças , enquanto a escola ainda se mantém, muitas vezes, fiel a modelos pedagógicos e padrões sociais superados. E isso dificulta ao educador tornar o aluno interessado na escola e é por isso que os jovens não têm interesse na escola.

O uso da comunicação na educação surge como uma alternativa capaz de oferecer às crianças meios de compreensão e aprendizado sobre o mundo, porque irá oferecer conhecimentos e linguagens que vão estimular o desenvolvimento e o interesse da criança no aprendizado.

Grande parte dos desenhos animados da grade de programação das emissoras são extremamente violentos, onde os personagens principais sempre resolvem tudo com base em atos violentos e se saem bem.

Torna-se então óbvio para a criança que a violência é uma boa forma de conseguir o que se quer ou que a violência dá um certo poder ao mais forte.

A criança deve ser estimulada a assistir programas de acordo com a sua faixa etária e a sua capacidade de entendimento. E cabe ao educador verificar o que é importante transmitir à criança e explicar por que certos programas e desenhos não são adequados para elas.

Como já mencionado antes, a criança deve participar ativamente das regras e decisões, portanto cabe ao educador explicar o porquê de certos desenhos não serem adequados para as crianças, em virtude do grande número de cenas violentas contidas nele.

4.3 Ideologias na Educação Infantil

“É preciso esquecer o aprendido que nos fez adulto para ver o mundo com novos olhos.”

Rubens Alves

Ser educador é viver experiências fascinantes e dispõe de nossas atitudes, coragem de ir em busca de renovar a cada dia para não fazer da jornada de trabalho e da jornada da criança na instituição um simples atendimento ritualístico no qual só se compartilham conhecimentos.

O educador tem uma forte influência na vida do aluno. Em segundo plano no meu ponto de vista, somos uma referência na vida dos educandos.

Apesar das mudanças que ocorreram na década de 90 com intervenção da LDB onde as creches e pré-escolas mudaram sua visão diante dos métodos de ensinar, para muitas pessoas e até mesmo alguns profissionais ainda se tem uma visão de que as creches são assistencialistas.

Às vezes fico refletindo, será que a política de educação infantil assegura a nova concepção da infância e da melhoria assim como está escrito pelo Ministério da Educação e Cultura?

Os únicos instrumentos que orientam os educadores são as diretrizes e o referencial. A construção de um trabalho com crianças de 0 a 6 anos deveria ser reavaliado e visto pela concepção da pedagogia de educação infantil. Pois esse modelo uniforme implantado pelo MEC, garante ao sistema de ensino atender àquele aluno com bom desenvolvimento, sem problemas intrínsecos e com uma referência sócio-familiar no qual tem motivação. E os outros alunos os quais são inseridos neste perfil, como ficam? A cumplicidade é somente do professor. Comecei a analisar essas questões depois de participar do curso do PROESF.

As mudanças educacionais atingem o cotidiano dos alunos e professores, alteram as práticas e as relações pedagógicas?

Na minha concepção, o trabalho reflexivo só não basta para mudar este quadro, é preciso investigar a proposta de trabalho, questionar sobre elas, se atingem o conceito dos alunos.

Até então, antes de frequentar a faculdade eu não possuía esse olhar crítico diante das propostas pedagógicas. Eu tinha como princípio seguir o PCN sem ter um olhar crítico.

Quando se fala que o professor aprende com o aluno, isso é bem uma realidade, pois existem práticas ou atividades que eu hoje adapto às condições do aluno porque, às vezes as propostas que me são dadas entram em confronto com a realidade dele.

Devemos construir um trabalho que abranja as necessidades e as diferenças culturais da criança sem que haja uma “fórmula mágica”, uma única maneira de trabalharmos. Pois, cabe a nós, educadores infantis criarmos métodos de trabalho nos quais seja possível vivenciarmos com as crianças as emoções e os afetos, alegrias e tristezas, confrontos e encontros.

Tudo isso é necessário para a melhora do repertório cultural das crianças e nós educadores, somos os responsáveis em “preparar” a criança, em organizar a estada delas em uma instituição educativa como um momento de construção de sentimentos, como respeito, compreensão, alegria, apoio, dignidade....

Enfim, sentimentos que garantam à criança a crença em si mesmos.

É fato que o sistema de ensino é programado para atender o aluno com bom desenvolvimento psicolingüístico, motivado. Por esse mesmo motivo o atendimento à alunos com baixo desenvolvimento ou desmotivado deve ser muito trabalhado e estimulado para que seja possível desenvolver todo o potencial deste aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ninguém nasce feito, ninguém nasce marcado para ser isso ou aquilo. Pelo contrário, nos tornamos isso ou aquilo. Somos programados, mas, para aprender. A nossa inteligência se inventa e se promove no exercício social de nosso corpo consciente. Se constrói. Não é um dado que, em nós, seja um a priori da nossa história individual e social."

Paulo Freire

Neste memorial falei sobre os meus aprendizados, minha formação e sobre o que analisei e aprendi das aulas e de minha experiência profissional.

Pude verificar durante meu período como aluna, comportamentos diversificados de vários professores. Alguns pedagogicamente corretos, outros nem tanto...

Com isso, pude fazer uma avaliação comportamental de como agir ou n

Finalizo este memorial com a certeza de ter cumprido mais um passo em minha jornada.

Ainda há muito a ser aprendido e sempre haverá...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Leila e FORMAN, George. As cem linguagens da criança, Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

DAHLBERG, Gunilla, MOSS, Peter e PENCE, Alan. Qualidade na educação de primeira infância: perspectivas pós modernas, Porto Alegre, Artes Médicas, 2003.

TRINDADE, Azoilda Loretto da, SANTOS, Rafael dos. Multiculturalismo, mil e uma faces da escola, Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade, São Paulo, Papirus, 1994

CÓCCO, Maria Fernandes & HAILER, Marco Antônio. Didática de Alfabetização decifrar o mundo: alfabetização e sócioconstrutivismo. São Paulo: FTP, 1996.

<http://www.aquarela.histoarte.net/televisao.jpg> Acessado em 02 de abril de 2006

www.ipv.pt/forumedia/3/3_cria4.gif Acessado em 02 de abril de 2006